

## 4 Aspectos literários em Isaías 5,1-7

É importantíssima para essa obra uma análise da relação do texto hebraico de Isaías 5,1-7 com o texto da Septuaginta. Avaliaremos os elementos de Isaías que fazem ressonância em Mateus 21,33-46: Isaías 5,2 e 5,7. Para tanto partiremos (Isaías 5,1-7) de uma análise comparativa entre ambos textos. No texto massorético e no texto da Septuaginta.

O cântico da vinha de Isaías tem a forma de uma parábola jurídica<sup>1</sup>. U. Simon, em seu artigo sobre exemplo de parábola jurídica, cita o caso da parábola da ovelha de Natã (2 Samuel 12,1-12), afirma que “a força da parábola jurídica descansa em seu realismo, um realismo que provoca os ouvintes a um autojulgamento e conseqüentemente se condenam”. Para Simon, a parábola jurídica forma uma história sobre uma violação da lei: “relacionado a alguém que tinha empreendido um insulto idêntico com a finalidade de induzir ao ouvinte, que não desconfia, a fazer uma auto-análise”<sup>2</sup>. O ofensor inevitavelmente cairá na armadilha arranjada para ele, se verdadeiramente acreditar que o episódio de fato ocorreu. Ele mesmo vai propor a sentença. E, ao fazê-lo estará definitivamente se autocondenando. Isso ocorre sem ele perceber. Até o momento de uma reflexão mais apurada, ele perceberá que é o execrável protagonista da história, que acreditou ser verdadeira. Desta forma, ele entenderá a sua participação diante das possíveis acusações.

Para J. D. W. Watts, o cântico da vinha representa de fato um tribunal de justiça. Porém, esse conselho jurídico trataria exclusivamente com assuntos pertinentes ao de família<sup>3</sup>. O importante é verificar a finalidade do cântico segundo essas teorias: estaríamos possivelmente diante de um processo legal.

---

<sup>1</sup> Cf., YEE, G.A., *A Form-Critical Study of Isaiah 5,1-7 as a Song and a Juridical Parable*, p. 40. Yee percebe em Isaías 5,1-7 duas formas literárias: um cântico e uma parábola jurídica: “Ambos os tipos têm semelhanças formais e funcionais. Dentro da estrutura global de um cântico o elemento parabólico quer provocar nos próprios ouvintes um autojulgamento”.

<sup>2</sup> C.f., SIMON, U., *The Poor Man's Ewe Lamb: An Example of a Juridical Parable*, pp. 220-21.

<sup>3</sup> WATTS, J. D. W. *Isaiah 1-33*, p. 54.

O cântico de Isaías, como propôs G. A. Yee é endereçado a uma audiência puramente jersalemitana. A história seria uma alusão aparente à destruição do reino do Norte por Tiglath-pileser em 734-32 a.C. Estaria, então, subentendido a história de uma vinha totalmente incapaz de produzir as uvas esperadas, frustrando a expectativa do proprietário da vinha. Conseqüentemente, diante de uma vinha inteiramente improdutiva, só restaria a sua destruição.

Contrariamente, Vermeulen analisa como “uma teologia de história retrospectiva que se levanta na sombra do movimento deuteronomista”<sup>4</sup>. A difícil situação do exílio estaria aqui em evidência. O redator isaiano busca dá resposta concreta ao questionamento dos compatriotas jersalemitanos sobre o motivo da perda da liberdade diante dos babilônicos e, por conseguinte a inevitável falência da dinastia davídica. O profeta ressalta a culpabilidade e a irresponsabilidade dos jersalemitanos. Com isso ele resguardaria Yahweh, não o acusando de absoluta impotência diante dos terríveis fatos. A responsabilidade pela deportação dos habitantes de Judá e dos moradores de Jerusalém é inteiramente deles mesmos, pela sua total e fatídica improdutividade, em outras palavras, a completa desobediência ao direito e a justiça preconizadas.

Esta análise produz os seguintes resultados. Em Isaías 5,1-7, a metáfora da vinha é aplicada para a casa de Israel. A conexão entre verso 7 e o verso 3 deixa bem claro que a casa de Israel se refere aos habitantes de Jerusalém e as pessoas de Judá, isto é, para o reino sulista que tem que executar a tarefa que foi significativa originalmente para todo Israel<sup>5</sup>. O que o profeta Isaías propõe é a preocupação de Deus para com a casa de Israel, ele espera justiça social; porém, Israel reage exercendo injustiça social.

---

<sup>4</sup> Cf., KAISER, O., *Isaiah 1-12*, p. 94.

<sup>5</sup>Cf., WILLIAMS, G.R., *Frustrated Expectations in Isaiah V 1-7: A Literary Interpretation*, 1985, p. 464.

#### 4.1 Estrutura do texto hebraico de Isaías 5,1-7 <sup>6</sup>

Quanto à delimitação da perícope, Watts observa que o cântico da vinha é “uma unidade bem delimitada com começo claramente marcado e um fim bem determinado”<sup>7</sup>. Para Y. Gitay o “complexo de Isaías 5,1-30 é uma unidade textual, introduzida pelos versos 1-7”<sup>8</sup>.

A estrutura do cântico da vinha de Isaías apresenta-se em três partes, vv. 1-2, vv. 3-6, e v. 7. Essa estrutura é desenhada pela inversão dos verbos: ora na primeira pessoa do singular, ora na terceira pessoa do singular. Essas três estrofes estão em forma poética: A: vv. 1-2; B: vv. 3-6; C: v. 7<sup>9</sup>. O verso 1a introduz o cântico: אֲשִׁירָה נָא לְיַדַי שִׁירַת דּוֹדִי לְכַרְמִי. Observe o verbo na 1ª pessoa do singular do imperfeito Qal de שָׁיר. Desta forma, é introduzido na voz do profeta: “cantarei”, que de maneira melodiosa propõe o cântico em nome do seu amigo. Portanto, o verso 1a (na 1ª pessoa) se posiciona como abertura para a primeira estrofe: vv. 1b-2. O que caracteriza a primeira estrofe, é o fato que a terceira pessoa do verbo הָיָה é usada para indicar o proprietário da vinha: כָּרַם הָיָה לְיַדַי. Há também uma alteração significativa de ritmo. O trabalho do proprietário é demonstrado na preparação e no elevado investimento para se plantar a vinha, com toda estrutura necessária para torná-la altamente produtiva. A dinâmica do relato é outra, em relação a parte introdutória. A sonoridade se expressa de maneira agressiva para narrar toda o preparativo da vinha.

<sup>6</sup> Cf. ZENGER, E. (org.), *Introdução ao Antigo Testamento*, p. 384. Quanto à estrutura Zenger correlaciona os trechos do capítulo 1 e 5,1-7 na formação da moldura externa em torno do complexo textual 2,1 – 4,6. Zenger faz a seguinte análise: “Para a organização dos caps. 1-12 podem ser reconhecidos princípios bastante semelhantes na sua estrutura. Para 1,2 – 5,7 vale o seguinte: 1,1-31 e 5,1-7 constituem a presilha exterior em torno de 2,1 – 4,6. A favor dessa compreensão depõem os seguintes indícios: a – há correlação entre 1,2-3 e 5,1-7 pelo uso enfático do nome Israel, em 1,3 e 5,7. b – Ao amor dos pais pelos filhos, abordado em 1,2, corresponde o amor do noivo pela noiva, em 5,1-4. c – Em 1,21 e 1,27 fala-se, como em 5,7, de direito e justiça. d – A metáfora da prostituta (1,21) encontra seu correlato na vinha que produz uvas azedas (cap. 5). e – Assim como os terebintos estarão secos e o jardim privado de água (1,29-30), assim a vinha será entregue à desolação e lhe será negada a chuva (5,5-6). f – O raro imperativo no plural do verbo ‘julgar’ liga os dois trechos 1 e 5,1-7 (1,17 e 5,5ss). g – ‘Vinha’ é usado tanto em 1,8 quanto em 5,1 como metáfora. h – O discurso de Deus na 1ª pessoa leva igualmente ao início, ao meio e ao final desse bloco do livro (1,2.11-16.24b-26; 3,4.12.15; 5,3-6)”.

<sup>7</sup> WATTS, J. D. W. *Isaiah 1-33*, p. 51.

<sup>8</sup> GITAY, Y., *Isaiah and his Audience. The Structure and Meaning of Isaiah 1-12*, p. 89.

Já na segunda estrofe<sup>10</sup>, os versos 3-6 retomam à primeira pessoa. Essa mudança é percebida quando aparece na narrativa: בֵּינִי וּבֵין כַּרְמִי (3b). O cântico é modificado. A partir de agora há uma lamentação, com uma interpelação do proprietário com um duplo vocativo: יוֹשֵׁב יְרוּשָׁלַם וְאִישׁ יְהוּדָה (3a). Ele critica a incapacidade de produtividade da sua vinha.

Toda a sua expectativa: מְדוּעַ קוֹיְתִי לַעֲשׂוֹת עֲנָבִים וַיַּעַשׂ בְּאֲשֵׁים (4b) não se concretizou. Imediatamente o seu público entra em cena, como num processo jurídico. Ele faz a denúncia e o público é convocado a perpetrar o julgamento. Contudo, o oportuno proprietário assume ele mesmo a implacável função de juiz: וְעַתָּה אֹדְרִיעָה־נָּא אֶתְכֶם אֵת אֲשֶׁר־אֲנִי עֹשֶׂה לְכַרְמִי (5a).

As ações construtivas do verso 2 formam com os versos 5-6 um intenso contraste. O absoluto descontentamento do proprietário é percebido pela suspensão do trabalho da vinha, e muito mais ainda ele anuncia o inevitável abandono e a conseqüente destruição.

O verso 7 é conclusivo, tornando-se a chave interpretativa do cântico. A relação entre 7a e 7b indica um paralelismo:

כִּי כָרֵם יְהוָה צְבָאוֹת בַּיִת יִשְׂרָאֵל	a	Porque a vinha do Senhor dos Exércitos é a casa de Israel,
וְאִישׁ יְהוּדָה נֹטֵעַ שְׁעֵשׂוּעִיו	b	e os homens de Judá são a planta das suas delícias.

Novamente a terceira pessoa é retomada e com algumas aliterações: מִשְׁפָּט / מִשְׁפָּח<sup>11</sup> e צְדָקָה / צִדְקָה (7c), cria-se novamente um paralelismo que causa nos ouvintes uma inevitável e surpreendente reflexão.

Os que foram convocados para julgarem “יוֹשֵׁב יְרוּשָׁלַם וְאִישׁ יְהוּדָה” (v.3) são agora acusados de atos desprezíveis. O verso 7c, composto com cláusulas nominais, mostra com total clareza a condição inconcebível dos ouvintes, que inevitavelmente se autocondenam. O próprio redator isaiano oferece a interpreta-

<sup>9</sup> WEREN, W. J. C., *The Use of Isaiah 5,1-7 in the Parable of the Tenants (Mark 12,1-12; Matthew 21,33-46)*, p. 2.

<sup>10</sup> A segunda estrofe é marcada pela presença de verbos na primeira pessoa singular e pelo uso do sufixo também na primeira pessoa.

<sup>11</sup> É um *hapaxlegomenon* na bíblia hebraica pode significar “matança”.

ção dos elementos fundamentais da parábola: a vinha é Israel e Judá. Ele identifica o seu amigo, o proprietário da vinha, com Deus.

Portanto, podemos concluir, sugerindo uma possível estrutura para Isaías 5,1-7, da seguinte maneira: temos em Isaías 5,1-7 várias etapas no relato: o texto se apresenta intercalado com a introdução (v. 1) e a interpretação que encerra o relato (v. 7). Nos versos 1b-2, estamos diante de uma narrativa que apresenta o empenho de árduas tarefas e preciosos investimentos do proprietário da vinha, com suas conseqüentes expectativas. Na parte central do relato, os destinatários são apresentados: Israel e Judá (vv. 3-6). Essa estrutura apresentada se destaca a partir das alterações da fala: ora da primeira pessoa (v. 1b), ora da terceira pessoa (vv. 1b-2), retorna para primeira pessoa (vv. 3-6), e finalmente conclui com a terceira pessoa (v. 7).

## 4.2

## Elementos constitutivos da narrativa de Isaías 5,2

## Texto Massorético

וַיַּעֲזֹקְהוּ וַיִּסְקְלוּהוּ	a	Ele cavou-a, removeu a pedra
וַיִּטֵּעַהוּ שֵׂרֶק	b	e plantou uma vinha
וַיִּבֶן מִגְדָּל בְּתוֹכָהּ	c	e construiu uma torre no meio dela
וְגַם יִקַּב חֶצֶב בּוֹ	d	e também cavou um lagar
וַיִּקֶּוּ לַעֲשׂוֹת עֲנָבִים	e	e esperava que desse uvas boas,
וַיַּעַשׂ בְּאֲשִׁים:	f	porém deu uvas bravas.

O verso 2 trata da preparação e estruturação do solo para receber a vinha e da expectativa quanto a qualidade de suas uvas. Há, evidentemente um inequívoco significado agrícola nos vocábulos. Para tanto, o texto hebraico emprega no v. 2a, os verbos עָזַק “cavar” e סָקַל<sup>12</sup> “remover as pedras”<sup>13</sup>. Os dois verbos descrevem com clareza a preparação do solo. Isso em razão de uma provável exigência para modificar o terreno, que apresentava sem a menor condição para a cultura das videiras, com qualidade aceitável para a plantação. A vinha era uma propriedade de elevado valor. Por isso, um alto investimento era necessário, acompanhado de um cuidado extremo na construção da vinha. Nenhuma despesa é economizada. Trata-se de um empreendimento agrícola altamente capitalizado. Estamos diante da melhor preparação possível: uvas especiais “שֵׂרֶק”; construção de uma torre “מִגְדָּל” no meio dela, de onde, com certa probabilidade, ficaria o sentinela para proteger dos plausíveis ladrões. Um lagar “יִקַּב”<sup>14</sup> para processamento. Por-

<sup>12</sup> PATTERSON, R. D., “סָקַל”, in R. L. HARRIS – G. L. ARCHER, Jr, – B. K. WALTKE, (ed.), *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. p. 1059: “O uso de סָקַל para designar a remoção de pedras é encontrado apenas duas vezes, ambas em Isaías. Em Isaías 5,2 emprega-se o verbo na expressiva parábola acerca do preparo cuidadoso de Deus com a sua vinha, Israel. Em Isa 62,10, é utilizado descrevendo os árduos preparativos para o remanescente reunido do Senhor voltar a Sião”.

<sup>13</sup> Ibid., pp. 144: “KB 725: Piel: (1) ‘mit Steinen (be) worfen’ 2 Sam 16:13; 16:6; (2) (a) ‘von Steinen säubern’ Isa 5:2; (b) ‘Steine wegräumen’”.

<sup>14</sup> O termo yeqeb tem uma variedade de conotações: barril – vinho (um cocho ou buraco escavado) (Bible Work 6.0)

tanto, após a preparação do solo, segue (נטע)<sup>15</sup> a plantação da soreq<sup>16</sup> (2b): שִׂרְקִי וַיִּטְעֵהוּ, provavelmente uma uva de variedade vermelha, especial.

Parece que a região escolhida para a plantação da vinha era ideal: “בֵּין-שָׁמֶר” (1b). Possivelmente em um declive, ou seja, na encosta de um monte “בְּקֶרֶן”<sup>17</sup>; portanto, era admissível que incluísse um adequado escoamento de água. O relato mostra que a região era fértil “שָׁמֶר”, contudo, necessitava de todo um aparato agrícola para colocá-lo em condições de cultivo. Decisivamente, os versos 1b – 2d ressaltam o esforço que o proprietário empenhou-se, para criar uma vinha onde não havia condições ideais para o plantio.

Podemos verificar, que no verso 2c-d, o relato menciona estruturas construídas com o propósito de ser usada ainda por muito tempo, como a torre “מִגְדָּל” e o lagar “יָקֵב”, valorizando ainda mais o empreendimento:

וַיִּבֶן מִגְדָּל בְּתוֹכָוּ	c	e construiu uma torre no meio dela
וְגַם-יָקֵב חָצַב בּוֹ	d	e também cavou um lagar

O proprietário poderia ter diminuído o custo do seu empreendimento. Um exemplo claro dessa possibilidade é o uso de uma pequena cabana provisória, como encontramos em Isaías 1,8: “כְּסֻפָּה בְּכֶרֶם”;

<sup>15</sup> WILSON, M. R., “נטע” in R. L. HARRIS – G. L. ARCHER, Jr, – B. K. WALTKE, (ed.), *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. p. 959: “A raiz נטע é empregada cerca de 70 vezes. A maioria das referências ocorre nos profetas, Isaías e Jeremias por aproximadamente 30 referências. A raiz נטע também é achada na literatura Ugarítica. Não é de surpreender que a Bíblia, ao falar do Israel antigo, onde era grande a prática de cultivo da terra, mencione aproximadamente cem variedades diferentes de plantas a maioria delas economicamente vital àquela sociedade agrária. Pelo ato de plantar ser algo tão familiar, os autores do AT empregam figuradamente a raiz נטע cerca de 30 vezes. O plantar videiras e vinhas é mencionado um maior número de vezes (Gn 9,20; Dt 20,6; 28,30.39; Sl 107,37; Pv 31,16; Ec 2,4; Is 37,30; 65,21; Jr 31,5; Ez 28,26; Am 5,11; 9,14; Mq 1,6; Sf 1,13). Muitas dessas passagens também dão ênfase ao resultado do plantio: comer, apreciar o fruto ou beber o vinho [...] O verbo נטע e seu derivados são muitas vezes usados metaforicamente com referência a Yahweh”.

<sup>16</sup> שִׂרְקִי tipo especial de videira.

<sup>17</sup> O vocábulo קֶרֶן serve para designar coisas protuberantes, como chifre. Também serve para designar monte, como aqui em Isaías 5, 1.

modesta construção em Isaías 4,6, “סִפָּה”. Pelo contrário, o proprietário não economizou recursos, construindo uma torre (מִגְדָּל).

Podemos chegar a seguinte conclusão: Os materiais usados na construção dão a entender que o proprietário se preocupou em edificar uma vinha com um longo tempo de operosidade e com boa capacidade de produção, para tanto investiu em instalações duráveis. Estamos diante de uma forte expectativa: עֲנָבִים לַעֲשׂוֹת וַיִּקֶן (2e).

O relato possui uma dinâmica impressionante. O redator, aqui no texto hebraico, cria toda a perspectiva com os elementos mencionados, no entanto, o produto da vide é בְּאֲשֵׁיִם em lugar das uvas especiais.

### Versão da Septuaginta

καὶ φραγμὸν περιέθηκα	a	E eu cerquei rodeando
καὶ ἔχαράκωσα καὶ ἐφύτευσα ἄμπελον σωρηχ	b	e cavei uma vala e plantei uma vinha de uvas especiais (soreq)
καὶ ᾠκοδόμησα πύργον ἐν μέσῳ αὐτοῦ	c	e construí uma torre no meio dela
καὶ προλήνιον ὠρυζα ἐν αὐτῷ	d	e (barril) cavei um lagar nela
καὶ ἔμεινα τοῦ ποιῆσαι σταφυλήν	e	e esperei para produzir uvas
ἐποίησεν δὲ ἀκάνθας	f	porém, produziu espinhos.

Há no verso 5,2a: καὶ φραγμὸν περιέθηκα, uma importante diferença entre o texto hebraico e a versão da Septuaginta. Podemos observar, que enquanto o texto hebraico trata da preparação do solo para receber a vinha, empregando no verso 2a, os verbos עָרַף e לָקַט, a versão da Septuaginta enfatiza somente a estrutura. Percebemos, então, que provavelmente o local já estivesse previamente preparado para o plantio. Desta forma, o verso 2a na Septuaginta, segui inserindo a cerca (φραγμός). Partindo dessa argumentação, segundo a perspectiva do redator da Septuaginta, já havia condições ideais para o plantio. Por isso ele abre mão dos verbos עָרַף e לָקַט. O que o viticultor necessitaria nessas condições, seria a imediata proteção para a área do plantio. Daí o uso de φραγμὸν περιέθηκα.

Portanto, o texto hebraico não menciona de imediato uma cerca. O fará somente no verso 5, onde מְשׂוֹכָה (cerca viva) aparece em um paralelismo poético com רִיבּוּ. Na Septuaginta encontramos no verso 5: φραγμός fazendo um paralelismo com τοίχος. מְשׂוֹכָה é provavelmente uma cerca viva constituída de pequenos arbustos espinhosos, identificando assim o seu valor semântico com o φραγμός da Septuaginta. O רִיבּוּ é mais provável que seja uma cerca de madeira ou uma muralha (parede) de pedra. Ambos termos são usados para o mesmo objetivo: proteção contra intrusos indesejáveis. Na versão da Septuaginta, o contexto de Isaías 5,5 indica que φραγμός<sup>18</sup> é menos expressivo que o τοίχος de pedra. Podemos verificar que φραγμός é excepcionalmente derrubado, ou seja, é removido para passagem de pequeno gado, servindo de pasto: ἀφελῶ τὸν φραγμὸν αὐτοῦ. Já o τοίχος é destruído, ou seja, derrubado: καθελῶ τὸν τοίχον αὐτοῦ. Sendo assim, corresponderia melhor ao מְשׂוֹכָה do texto hebraico.

Outra importante diferença entre o texto hebraico e a versão da Septuaginta aparece no plantio da vinha. O texto hebraico menciona uma variedade especial de uva: שֵׂרָק. Já a Septuaginta dá preferência a frase ἄμπελον σωρηχ como objeto de φυτεύω “plantar”. Não obstante a Septuaginta preserve σωρηχ por uma transliteração simples. A Septuaginta introduz ἀκάνθας (espinhos)<sup>19</sup> enquanto o texto hebraico prefira usar בְּאֵשִׁים “uvas bravas”.

<sup>18</sup> Podemos verificar em vários textos o significado de φραγμός que pode ser usado para qualquer cerca ao redor de vinhedos, ou paredes de cidade: Nm 22,24; 1 Ks 10,22; 11,27; 2 Esdras 9,9; Sl 61,4; 79,13; 88,41; Pr 24,31; Is 58,12.

<sup>19</sup> A palavra só aparece duas vezes no Texto Massorético (Is 5,2.4), enquanto (fedendo) é achado três vezes: Isaías 34,3 (LXX: cheiro), Joel 2,20 (LXX: fedor) e Amós 4,10.

## 4.3

## Elementos constitutivos da narrativa de Isaías 5,7

## Texto Massorético

כִּי כָרַם יְהוָה צְבָאוֹת בַּיַּת יִשְׂרָאֵל	a	Porque a vinha do Senhor dos Exércitos é a casa de Israel,
וְאִישׁ יְהוּדָה נִטְעַ שְׁעִשׂוּעֵיו	b	e os homens de Judá são a planta das suas delícias;
וַיִּקְוֶה לְמִשְׁפָּט וְהִנֵּה מִשְׁפַּח	c	e esperou para que exercesse juízo, e eis aqui opressão;
לְצַדִּיקָה וְהִנֵּה צְעָקָה: ס	d	para justiça, e eis aqui clamor.

## Versão da Septuaginta

ὁ γὰρ ἀμπελῶν κυρίου σαβαωθ οἶκος τοῦ Ἰσραηλ ἐστίν	a	Porque a vinha do Senhor dos Exércitos é a casa de Israel
καὶ ἄνθρωπος τοῦ Ἰουδα νεόφυτος ἠγάπημένον	b	E os homens de Judá são a planta amada
ἔμεινα τοῦ ποιῆσαι κρίσιν ἐποίησεν δὲ ἀνομίαν	c	Esperei para produzir juízo, porém produziu transgressão
καὶ οὐ δικαιοσύνην ἀλλὰ κραυγὴν	d	E não justiça, mas clamor.

A expressão **בַּיַּת יִשְׂרָאֵל**<sup>20</sup> sinaliza, na maioria das vezes, o reino do Norte. H. Wildberger afirma que **בַּיַּת יִשְׂרָאֵל** faz parte de um paralelo com **יְהוּדָה אִישׁ**. Para Wildberger ambos conceitos são idênticos com **יְהוּדָה וְיֹשֵׁב יְרוּשָׁלַם** e **יְהוּדָה אִישׁ** no v. 3<sup>21</sup>.

Para G. R. Williams num primeiro momento estava claro, para os ouvintes, que a vinha era de fato a “casa de Israel”:

“A expectativa é direcionada pela frase 'casa de Israel.' Que 'a casa de Israel' representava o reino do Norte não havia dúvidas para os moradores de Judá. Talvez

<sup>20</sup> Cf. G.R. WILLIAMS, *Frustrated Expectations in Isaiah V 1-7: A Literary Interpretation*, p. 462. Williams cita alguns versículos como uso da “בַּיַּת יִשְׂרָאֵל” para se referir a Judá: Isaías 8,14; 14,2; Miquéias 3,9; Jeremias 2,26.

<sup>21</sup> Cf., YEE, G.A., *A Form-Critical Study of Isaiah 5,1-7 as a Song and a Juridical Parable*, p. 37. Yee cita: “Jesaja 1-12 (BKAT X/ I; Neukirchen-Vluyn: Neukirchener, Fohrer, Das Buch Jesaja, Band I (Stuttgart: Zwingli, 1966) 78”.

eles estavam familiarizados com o uso da imagem da vinha em Oséias e em Salmo 80 para descrever Israel. Também, possivelmente souberam que Oséias tinha comparado o reino do Norte a uma mulher adúltera. De qualquer modo, eles seguramente teriam concordado, que o reino rival era de fato como uma esposa infiel a Yahweh e tinha merecido o castigo que viram no horizonte na forma de agressão assíria”<sup>22</sup>.

Portanto, é possível que os ouvintes identificassem a vinha imediatamente com Israel, o Reino do norte<sup>23</sup>. Mas se atentarmos para a aplicação da parábola no verso 7 (אִישׁ יְהוּדָה, e בֵּית יִשְׂרָאֵל) identificaríamos, desta forma, que a interpretação da metáfora da vinha indica igualmente o Reino do Sul e assim a advertência também valeria para Judá. A análise interpretativa mostra nitidamente que assim como Israel era moralmente e politicamente decadente, Judá não diferenciava em nada, portanto a mesma ameaça vale para Judá, que sofrerá o mesmo destino de Israel se não se arrepender. Entretanto, Williams observa que “a surpresa mais desagradável de tudo está pronta para ser revelado”<sup>24</sup>.

Com a frase אִישׁ יְהוּדָה (v. 7) cria uma expectativa para os ouvintes: “Israel seria castigado, mas Judá seria abençoado (Oséias 1,7)”<sup>25</sup>. Porém, não é exatamente isso que acontece. Aliás essa é a intenção do relato. Levar os ouvintes a fazerem um juízo precipitado, para logo em seguida perceberem a sua própria condenação. Não há dúvidas que estamos diante de uma parábola jurídica.

G. A. Yee define muito bem essa situação de autocondenação:

“A articulação do texto é tal que os Judeus são levados a acreditar que a vinha é Israel e que eles julgam e condenam e também testemunham a predição de Yhwh. Além disso, a interpretação revela que a vinha realmente é Israel. Porém, os ouvintes são levados à reflexão e descobrem que Judá, cuja situação era análoga ao Norte, é na realidade o principal transgressor no relato”<sup>26</sup>.

<sup>22</sup> Cf. WILLIAMS, G.R., *Frustrated Expectations in Isaiah V 1-7: A Literary Interpretation*, p. 462.

<sup>23</sup> Desde Isaías em Jerusalém, no século VIII a vinha era uma metáfora predominantemente associada com Israel (Os 9,10; 10,1; 14,8; Salmo 80).

<sup>24</sup> Cf. WILLIAMS, G.R., op. cit., p. 462.

<sup>25</sup> Ibid., p. 462. “Oséias 1,7a: וְאֵת־בֵּית יְהוּדָה אֲרַחֵם וְהוֹשַׁעְתִּים בֵּיהוָה אֱלֹהֵיהֶם: ‘e a casa de Judá terei piedade e os salvarei por Adonai, seu Deus [...]’” veja também essa relação em Oséias 12,1.

<sup>26</sup> Cf., YEE, G.A., *A Form-Critical Study of Isaiah 5,1-7 as a Song and a Juridical Parable*, pp. 38-39.

Portanto, é no verso final que a interpretação da parábola é percebida e totalmente aplicada, conforme a intenção do profeta. Percebemos ainda que na parte c e d os vocábulos são organizados de tal maneira que cria uma aliteração: Deus buscou que exercesse juízo (מִשְׁפָּט) mas achou só opressão (מִשְׁפָּח)<sup>27</sup> e para a justiça (צְדָקָה) só achou clamor (צַעֲקָה)<sup>28</sup>. A dinâmica do texto também se mostra no uso do verbo קָוָה.

O redator usa esse verbo no verso 2c: וַיִּקֶּוּ לַעֲשׂוֹת עֲנָבִים וַיַּעַשׂ בְּאֲשִׁים “e esperava que desse uvas boas, porém deu uvas bravas”. A expectativa continua no verso 4b: לַעֲשׂוֹת עֲנָבִים וַיַּעַשׂ בְּאֲשִׁים “esperando eu que desse uvas boas, veio a dar uvas bravas?”.

Por último, na etapa conclusiva, encontramos na segunda parte do paralelismo a expectativa final (v. 7b): וַיִּקֶּוּ לְמִשְׁפָּט וְהִנֵּה מִשְׁפָּח לְצְדָקָה וְהִנֵּה צַעֲקָה “e esperou que exercesse juízo, e eis aqui opressão; justiça, e eis aqui clamor”<sup>29</sup>.

<sup>27</sup> Cf., J.D.W. Watts, *Isaiah 1-33*, p. 57: “מִשְׁפָּח is another *hapax* and, thus, not easy to interpret. LXX translates ἀνομία, ‘lawlessness’. Vg *iniquitas* ‘iniquity’. But these general meanings are of little help. Marti, Gray, Procksch, and Wildberger suggest a root ספח (which here is rendered שפח) which can be related to the Arabic *safaha* ‘shed blood’. (cf. Koran 6, 145) KB suggests another parallel with resultant meaning of ‘turn aside, break the law’. BDB has ‘bloodshed’”.

<sup>28</sup> O jogo de palavras: צַעֲקָה (clamor) e צְדָקָה (justiça) aparece só aqui em Isaías, mas podemos encontrar em outros contextos no texto hebraico que tratam das reclamações contra a injustiça (Gn 27,34; Ex 3,7,9; 11,6).

<sup>29</sup> Estamos diante de uma crítica radical. É bem peculiar ao redator isaiano a queixa da opressão do pobre pelos ricos e de práticas avarentas da elite (Isaías 3,12.13-15; 5,8-24; 10,1-4).